

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

LA MASACRE DE LA BANANERA NA NARRATIVA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

José Veranildo Lopes da Costa Junior¹ (UFCG)

RESUMO: Em Gabriel García Márquez, a relação entre Literatura e História é caracterizada pela narrativa de diversos eventos históricos, entre eles o conhecido episódio de *La masacre de la bananera*, ocorrido na Colômbia, no ano de 1928. Este artigo apresenta uma leitura comparada das obras *Vivir para contarla* (2007) e *Cien años de soledad* (2014)² para discorrer acerca das representações de *La masacre de la bananera* a partir de duas perspectivas: a autobiográfica e a ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Gabriel García Márquez; Literatura e História; Literatura Comparada.

RESUMEN: En Gabriel García Márquez, la relación entre Literatura e Historia se caracteriza por la narrativa de diversos eventos históricos, entre ellos el conocido episodio de *La masacre de la bananera*, sucedido en Colombia, en el año de 1928. Este artículo presenta una lectura comparada de las obras *Vivir para contarla* (2007) y *Cien años de soledad* (2014) para discutir acerca de las representaciones de *La masacre de la bananera* desde dos perspectivas: autobiográfica y la ficcional.

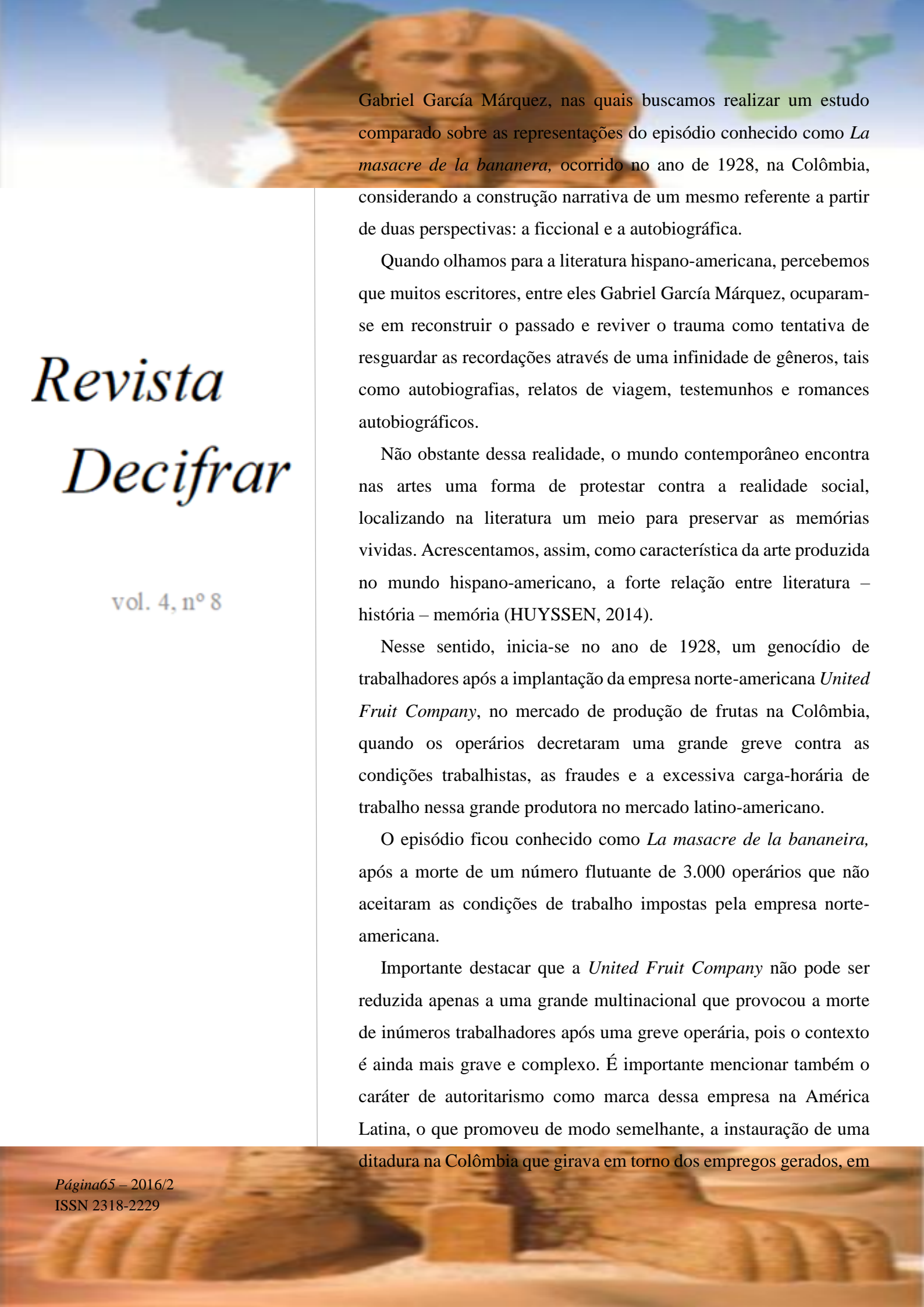
PALABRAS CLAVE: Gabriel García Márquez; Literatura e Historia; Literatura Comparada.

PALAVRAS INICIAIS

O presente estudo que apresento agora é um recorte da minha pesquisa de mestrado, intitulada *Lembrar para não esquecer: memória, história e ficção em aula de Língua Espanhola* (2017), desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (POSLE/UFCG). Neste sentido, o referido artigo apresenta uma leitura das obras *Vivir para contarla* (2007) e *Cien años de soledad* (2014) ambas de autoria do escritor colombiano

¹ Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Contato: jveranildo@hotmail.com

² A obra original foi publicada no ano de 1967, entretanto optamos por citar a obra consultada, publicada em 2014.



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Gabriel García Márquez, nas quais buscamos realizar um estudo comparado sobre as representações do episódio conhecido como *La masacre de la bananera*, ocorrido no ano de 1928, na Colômbia, considerando a construção narrativa de um mesmo referente a partir de duas perspectivas: a ficcional e a autobiográfica.

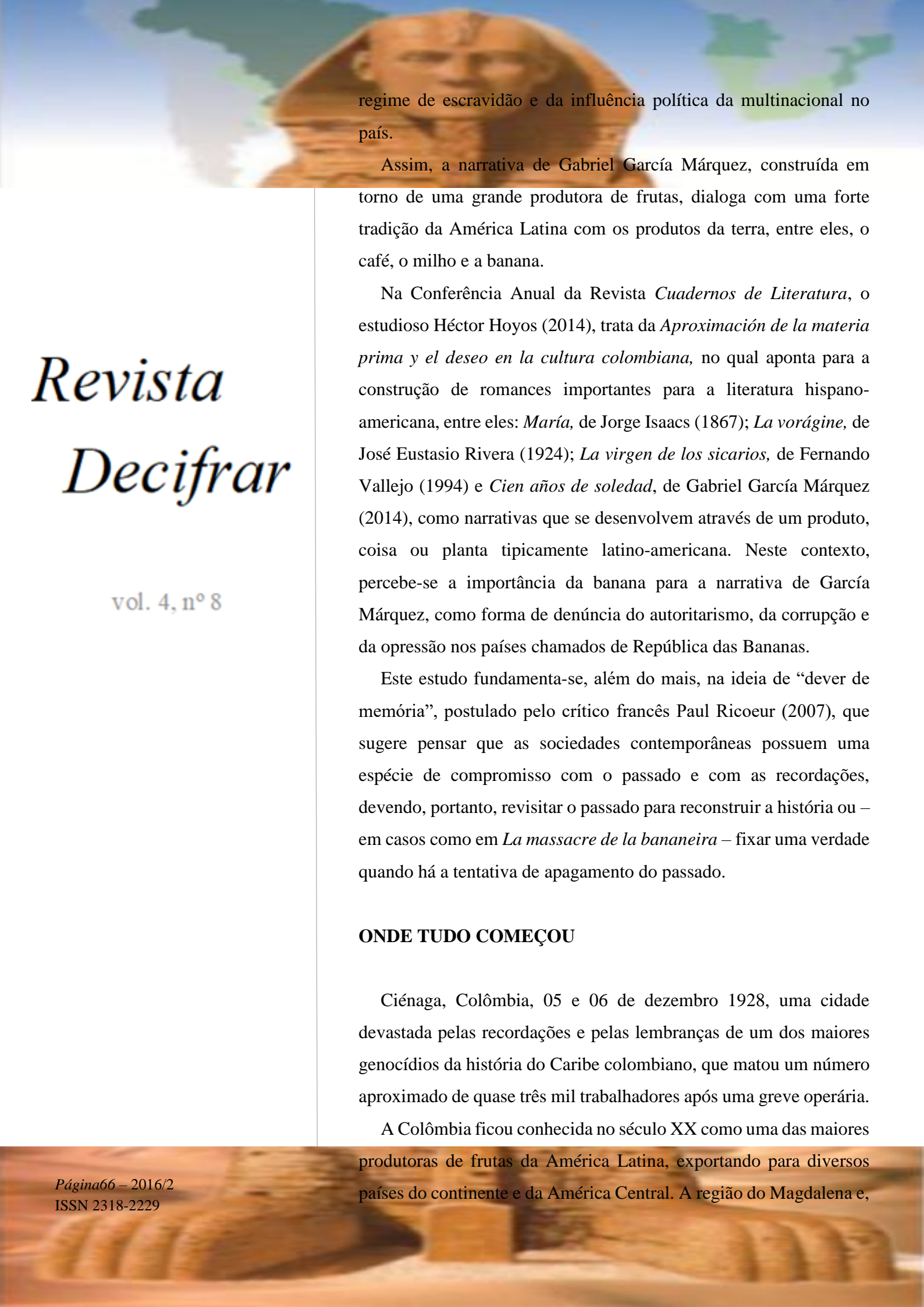
Quando olhamos para a literatura hispano-americana, percebemos que muitos escritores, entre eles Gabriel García Márquez, ocuparam-se em reconstruir o passado e reviver o trauma como tentativa de resguardar as recordações através de uma infinidade de gêneros, tais como autobiografias, relatos de viagem, testemunhos e romances autobiográficos.

Não obstante dessa realidade, o mundo contemporâneo encontra nas artes uma forma de protestar contra a realidade social, localizando na literatura um meio para preservar as memórias vividas. Acrescentamos, assim, como característica da arte produzida no mundo hispano-americano, a forte relação entre literatura – história – memória (HUYSSSEN, 2014).

Nesse sentido, inicia-se no ano de 1928, um genocídio de trabalhadores após a implantação da empresa norte-americana *United Fruit Company*, no mercado de produção de frutas na Colômbia, quando os operários decretaram uma grande greve contra as condições trabalhistas, as fraudes e a excessiva carga-horária de trabalho nessa grande produtora no mercado latino-americano.

O episódio ficou conhecido como *La masacre de la bananeira*, após a morte de um número flutuante de 3.000 operários que não aceitaram as condições de trabalho impostas pela empresa norte-americana.

Importante destacar que a *United Fruit Company* não pode ser reduzida apenas a uma grande multinacional que provocou a morte de inúmeros trabalhadores após uma greve operária, pois o contexto é ainda mais grave e complexo. É importante mencionar também o caráter de autoritarismo como marca dessa empresa na América Latina, o que promoveu de modo semelhante, a instauração de uma ditadura na Colômbia que girava em torno dos empregos gerados, em

The background of the page features a large, semi-transparent image of the Sphinx in the foreground and a world map in the background. The Sphinx is shown in profile, facing left, with its body and head visible. The world map is centered behind it, showing the continents in green and blue. The overall color palette is warm, with browns and oranges from the Sphinx and map, and blues and greens from the map's background.

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

regime de escravidão e da influência política da multinacional no país.

Assim, a narrativa de Gabriel García Márquez, construída em torno de uma grande produtora de frutas, dialoga com uma forte tradição da América Latina com os produtos da terra, entre eles, o café, o milho e a banana.

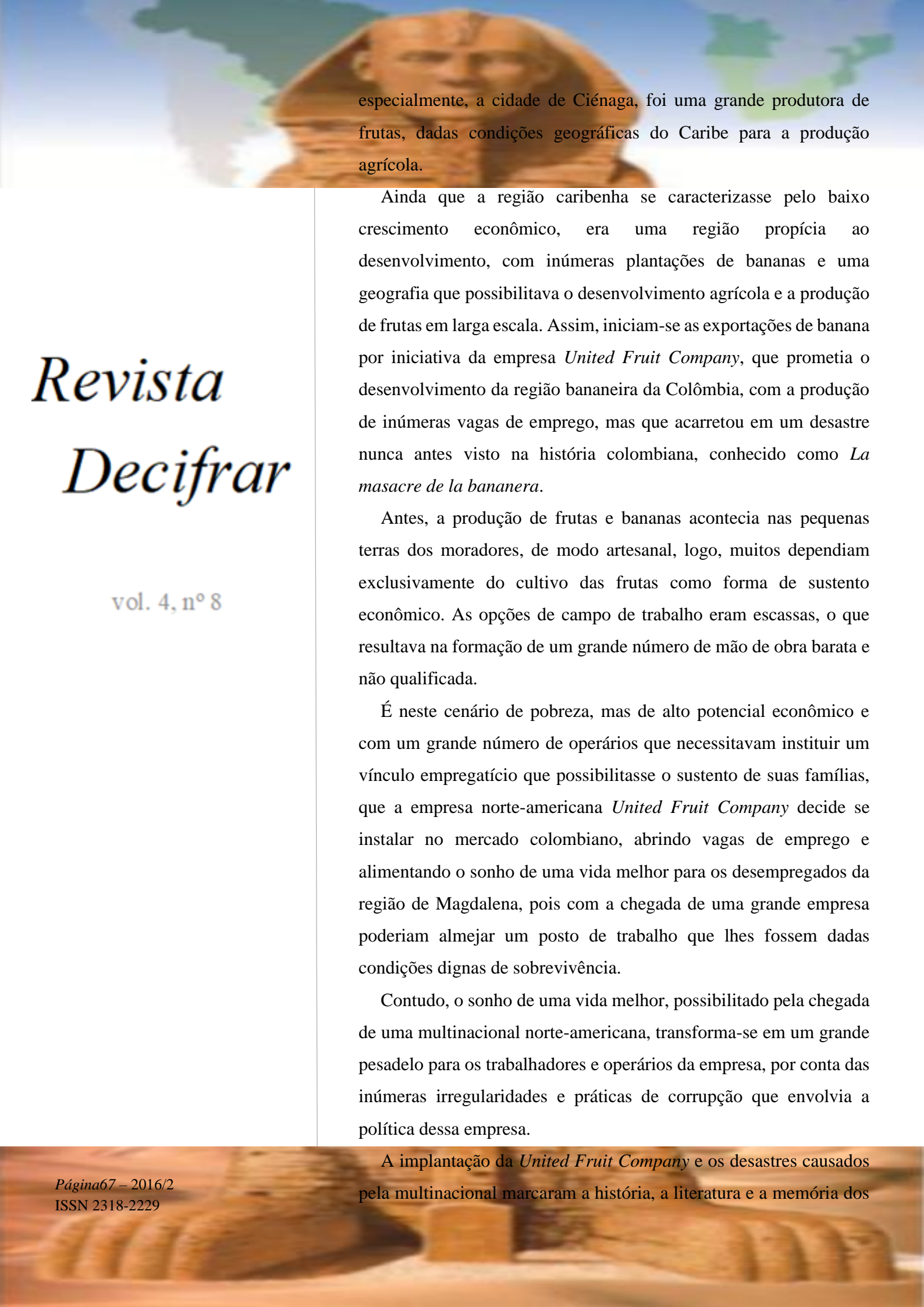
Na Conferência Anual da Revista *Cuadernos de Literatura*, o estudioso Héctor Hoyos (2014), trata da *Aproximación de la materia prima y el deseo en la cultura colombiana*, no qual aponta para a construção de romances importantes para a literatura hispano-americana, entre eles: *María*, de Jorge Isaacs (1867); *La vorágine*, de José Eustasio Rivera (1924); *La virgen de los sicarios*, de Fernando Vallejo (1994) e *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez (2014), como narrativas que se desenvolvem através de um produto, coisa ou planta tipicamente latino-americana. Neste contexto, percebe-se a importância da banana para a narrativa de García Márquez, como forma de denúncia do autoritarismo, da corrupção e da opressão nos países chamados de República das Bananas.

Este estudo fundamenta-se, além do mais, na ideia de “dever de memória”, postulado pelo crítico francês Paul Ricoeur (2007), que sugere pensar que as sociedades contemporâneas possuem uma espécie de compromisso com o passado e com as recordações, devendo, portanto, visitar o passado para reconstruir a história ou – em casos como em *La massacre de la bananeira* – fixar uma verdade quando há a tentativa de apagamento do passado.

ONDE TUDO COMEÇOU

Ciénaga, Colômbia, 05 e 06 de dezembro 1928, uma cidade devastada pelas recordações e pelas lembranças de um dos maiores genocídios da história do Caribe colombiano, que matou um número aproximado de quase três mil trabalhadores após uma greve operária.

A Colômbia ficou conhecida no século XX como uma das maiores produtoras de frutas da América Latina, exportando para diversos países do continente e da América Central. A região do Magdalena e,



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

especialmente, a cidade de Ciénaga, foi uma grande produtora de frutas, dadas condições geográficas do Caribe para a produção agrícola.

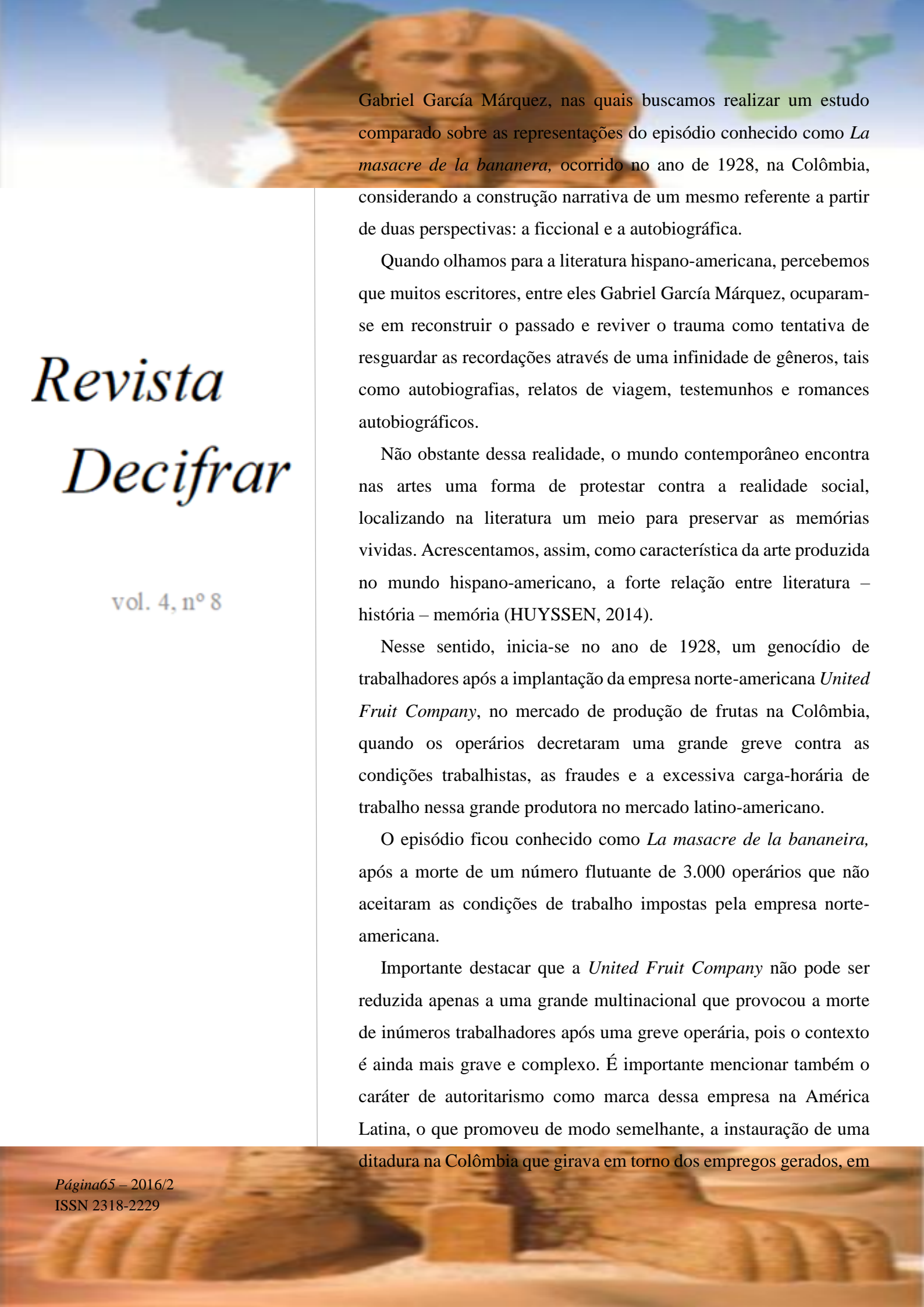
Ainda que a região caribenha se caracterizasse pelo baixo crescimento econômico, era uma região propícia ao desenvolvimento, com inúmeras plantações de bananas e uma geografia que possibilitava o desenvolvimento agrícola e a produção de frutas em larga escala. Assim, iniciam-se as exportações de banana por iniciativa da empresa *United Fruit Company*, que prometia o desenvolvimento da região bananeira da Colômbia, com a produção de inúmeras vagas de emprego, mas que acarretou em um desastre nunca antes visto na história colombiana, conhecido como *La masacre de la bananera*.

Antes, a produção de frutas e bananas acontecia nas pequenas terras dos moradores, de modo artesanal, logo, muitos dependiam exclusivamente do cultivo das frutas como forma de sustento econômico. As opções de campo de trabalho eram escassas, o que resultava na formação de um grande número de mão de obra barata e não qualificada.

É neste cenário de pobreza, mas de alto potencial econômico e com um grande número de operários que necessitavam instituir um vínculo empregatício que possibilitasse o sustento de suas famílias, que a empresa norte-americana *United Fruit Company* decide se instalar no mercado colombiano, abrindo vagas de emprego e alimentando o sonho de uma vida melhor para os desempregados da região de Magdalena, pois com a chegada de uma grande empresa poderiam almejar um posto de trabalho que lhes fossem dadas condições dignas de sobrevivência.

Contudo, o sonho de uma vida melhor, possibilitado pela chegada de uma multinacional norte-americana, transforma-se em um grande pesadelo para os trabalhadores e operários da empresa, por conta das inúmeras irregularidades e práticas de corrupção que envolvia a política dessa empresa.

A implantação da *United Fruit Company* e os desastres causados pela multinacional marcaram a história, a literatura e a memória dos



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

colombianos como um dos maiores genocídios vivenciados na região do caribe, presentes nas obras *Cien años de soledad* (2014) e *Vivir para contarla* (2007), de Gabriel García Márquez.

Segundo Caro (2011), a região compreendida pela produção bananeira no caribe da Colômbia, na primeira metade do século XX, corresponde ao atual estado de Magdalena, cujo território se estendia entre a Serra Nevada de Santa Marta e a Ciénaga Grande, de Santa Marta.

A região encontra-se no nível do mar e a temperatura passa dos 30 graus. Ao longo da primeira metade do século XX, a produção de bananas dessa região competia com os resultados de outros países, ocupando um papel de destaque no contexto internacional. A decadência da região é iniciada nos anos 60, quando a *United Fruit Company* começa o processo de exploração agrícola.

O episódio, que ficou conhecido como *La masacre de la bananera* é considerado um dos maiores genocídios causados pela lógica de produção capitalista, envolvendo os Estados Unidos, a grande potência e representante máxima do capital e a Colômbia. O país era então governado por Miguel Abadía Mendez, último político eleito representante da hegemonia conservadora. Do outro lado, a *United Fruit Company* era conhecida como o Império das bananas, pelo poder econômico e político da empresa americana no território colombiano.

As condições de trabalho na empresa eram insustentáveis, pois a lógica se baseava no lucro da empresa, na retirada dos direitos dos trabalhadores, na produção e na exportação de frutas por meio da exploração humana.

Cansados das más condições de trabalho na *United Fruit Company*, diversos operários decidiram reivindicar seus direitos trabalhistas e melhores condições laborais em uma empresa que em favor do lucro e da lógica capitalista os explorava pagando-lhes baixos salários, incompatíveis com o alto rendimento financeiro da empresa, além das condições de trabalho propriamente ditas e a excessiva carga-horária laboral. Vejamos um panorama geral da situação:

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

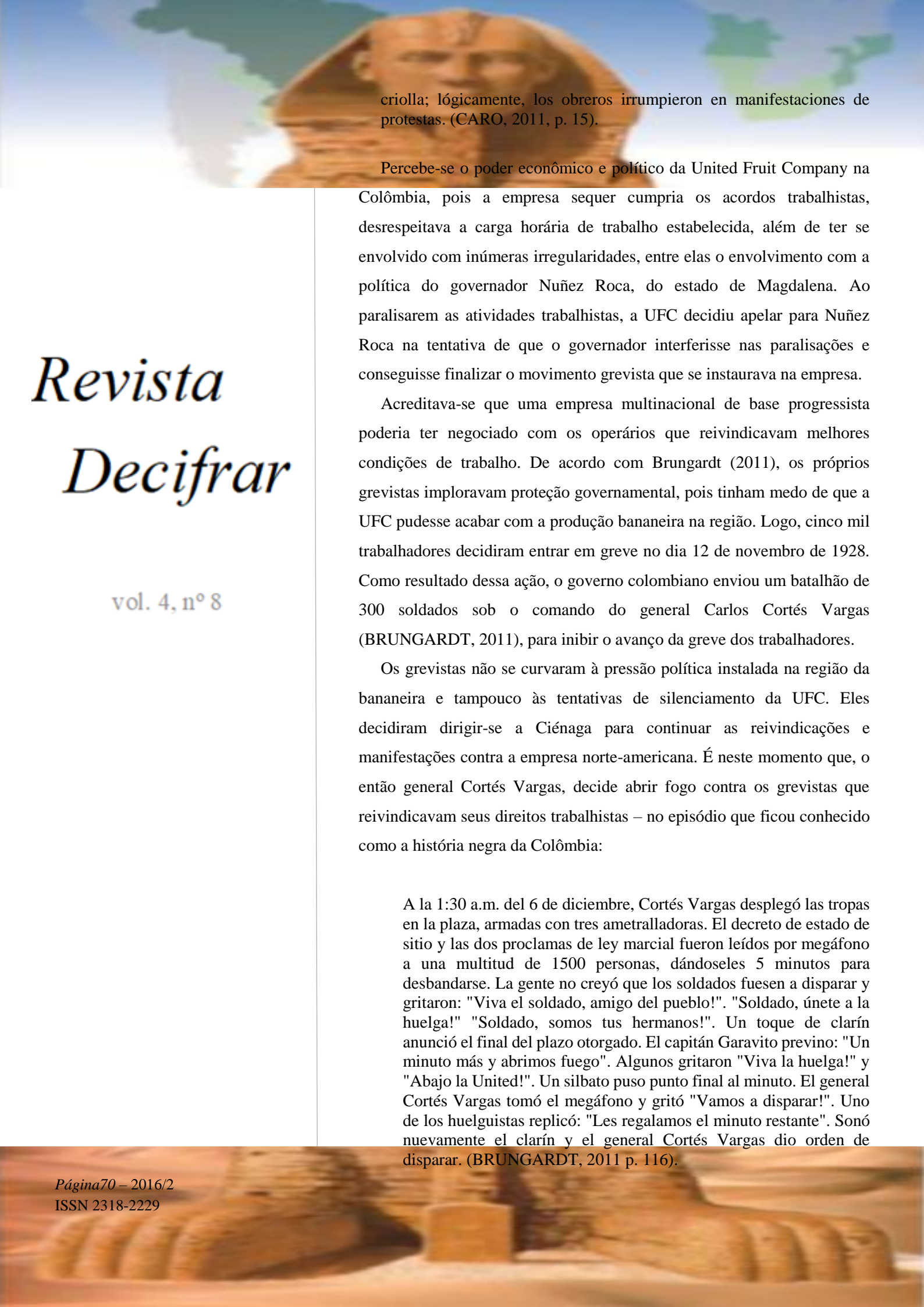
Los hechos en cuestión parten desde el día 12 de Noviembre de 1928 cuando estalla una gran huelga en toda la región bananera del Magdalena. Una huelga que contó con la participación de más de 25 000 trabajadores de las plantaciones bananeras, los cuales se negaban a cortar la fruta hasta sus condiciones laborales y prestacionales no fueran mejoradas. (CARO, 2011, p. 02).

De acordo com Caro (2011), a principal questão reivindicada pelos trabalhadores da *United Fruit Company* relacionava-se às artimanhas contratuais da empresa para livrar-se dos direitos trabalhistas dos empregados. Assim, a empresa norte-americana evitava assinar contratos de maneira direta, eliminando os direitos trabalhistas de milhares de trabalhadores, para que o lucro fosse cada vez maior, o que configurava exploração de trabalhadores. A esmagadora maioria dos contratos estabelecidos pela *UFC* concretizava-se pela contratação a partir de terceiros, o que se aproxima do processo de terceirização que conhecemos no Brasil. Além da forma contratual, outras demandas eram reivindicadas:

1) seguro colectivo obligatorio; 2) reparación por accidentes de trabajo; 3) habitaciones higiénicas y descanso dominical remunerado; 4) aumento en 50% de los jornales de los empleados que ganaban menos de 100 mensuales; 5) supresión de comisariatos; 6) cesación de préstamos por medio de vales; 7) pago semanal; 8) abolición del sistema de contratistas; y 9) mejor servicio hospitalario. (CARO, 2011, p. 07).

Mesmo com as reivindicações dos operários, a empresa decidiu que não faria as concessões para que os empregados voltassem à jornada de trabalho, o que evitaria, dessa forma, conflitos maiores. Assim, inicia-se uma grande paralisação entre os operários:

Las cosas sucedieron porque una vez concentrados los trabajadores obreros en los distintos puntos de congregación en los cuales se reunían como acto de manifestación y protesta pacífica, siendo las once de la noche del día miércoles 5 de diciembre llegó la noticia que el Dr. Núñez Roca, gobernador del departamento de Magdalena, acaba de emitir un decreto, por medio del cual ordenaba la dispersión de los grupos de huelguistas. El decreto hacía varias consideraciones, entre ellas la de que la huelga había generado una asonada. Norma que para los huelguistas fue de muy mal gusto, pues el Gobernador expidió dicho decreto sin consultarles a ninguna comisión que los representara, sólo lo hizo desde la óptica de la multinacional, de las autoridades militares que defendían los intereses de ésta compañía norteamericana y de la "bananocracia"



criolla; lógicamente, los obreros irrumpieron en manifestaciones de protestas. (CARO, 2011, p. 15).

Percebe-se o poder econômico e político da United Fruit Company na Colômbia, pois a empresa sequer cumpria os acordos trabalhistas, desrespeitava a carga horária de trabalho estabelecida, além de ter se envolvido com inúmeras irregularidades, entre elas o envolvimento com a política do governador Nuñez Roca, do estado de Magdalena. Ao paralisarem as atividades trabalhistas, a UFC decidiu apelar para Nuñez Roca na tentativa de que o governador interferisse nas paralisações e conseguisse finalizar o movimento grevista que se instaurava na empresa.

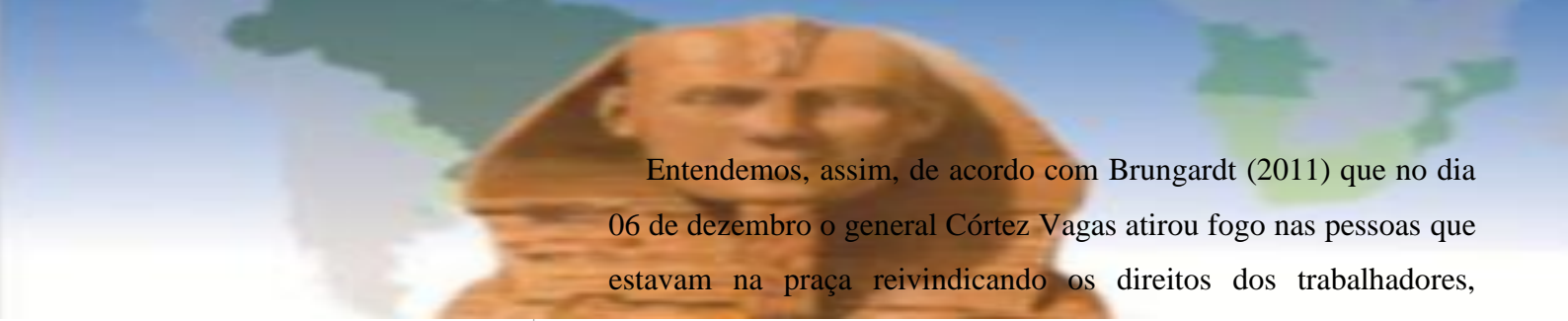
Acreditava-se que uma empresa multinacional de base progressista poderia ter negociado com os operários que reivindicavam melhores condições de trabalho. De acordo com Brungardt (2011), os próprios grevistas imploravam proteção governamental, pois tinham medo de que a UFC pudesse acabar com a produção bananeira na região. Logo, cinco mil trabalhadores decidiram entrar em greve no dia 12 de novembro de 1928. Como resultado dessa ação, o governo colombiano enviou um batalhão de 300 soldados sob o comando do general Carlos Cortés Vargas (BRUNGARDT, 2011), para inibir o avanço da greve dos trabalhadores.

Os grevistas não se curvaram à pressão política instalada na região da bananeira e tampouco às tentativas de silenciamento da UFC. Eles decidiram dirigir-se a Ciénaga para continuar as reivindicações e manifestações contra a empresa norte-americana. É neste momento que, o então general Cortés Vargas, decide abrir fogo contra os grevistas que reivindicavam seus direitos trabalhistas – no episódio que ficou conhecido como a história negra da Colômbia:

A la 1:30 a.m. del 6 de diciembre, Cortés Vargas desplegó las tropas en la plaza, armadas con tres ametralladoras. El decreto de estado de sitio y las dos proclamas de ley marcial fueron leídos por megáfono a una multitud de 1500 personas, dándoseles 5 minutos para desbandarse. La gente no creyó que los soldados fuesen a disparar y gritaron: "Viva el soldado, amigo del pueblo!". "Soldado, únete a la huelga!" "Soldado, somos tus hermanos!". Un toque de clarín anunció el final del plazo otorgado. El capitán Garavito previno: "Un minuto más y abrimos fuego". Algunos gritaron "Viva la huelga!" y "Abajo la United!". Un silbato puso punto final al minuto. El general Cortés Vargas tomó el megáfono y gritó "Vamos a disparar!". Uno de los huelguistas replicó: "Les regalamos el minuto restante". Sonó nuevamente el clarín y el general Cortés Vargas dio orden de disparar. (BRUNGARDT, 2011 p. 116).

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8



Entendemos, assim, de acordo com Brungardt (2011) que no dia 06 de dezembro o general Córtez Vargas atirou fogo nas pessoas que estavam na praça reivindicando os direitos dos trabalhadores, suprimidos pela ganância da *United Fruit Company*, resultando na morte de trabalhadores e familiares que ali se concentravam.

NÃO FOI UM SONHO: LA MASACRE DE LA BANANERA EM VIVIR PARA CONTARLA E CIEN AÑOS DE SOLEDAD

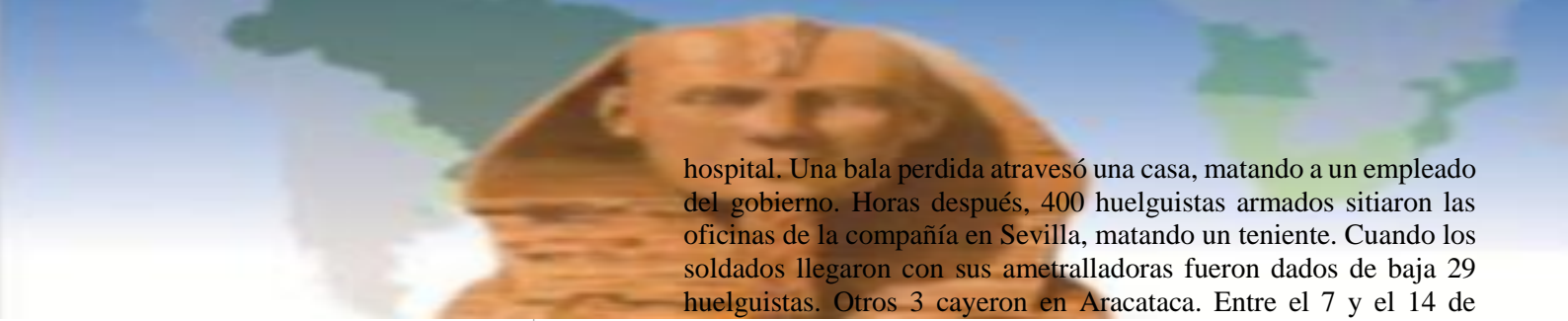
Aqui, traçamos um paralelo entre as obras *Vivir para contarla* (2007) e *Cien años de soledad* (2014), para reconstruir o episódio de *La masacre de la bananera*. Para tanto, recuperamos em *Cien años de soledad* o excerto que conta como a greve se concretizou e os resultados dessa paralisação para os trabalhadores:

Aunque no era hombre de presagios, la noticia fue para él como un anuncio de la muerte, que había esperado desde la mañana distante en que el coronel Gerineldo Márquez le permitió ver un fusilamiento. Sin embargo, el mal augurio no alteró su solemnidad [...] La ley marcial facultaba al ejército para asumir funciones de árbitro de conciliación. Tan pronto como se exhibieron en Macondo, los soldados pusieron a un lado los fusiles, cortaron y embarcaron el banano y movilizaron los trenes. Los trabajadores, que hasta entonces se habían conformado con esperar, se echaron al monte sin más armas que sus machetes de labor, y empezaron a sabotear el sabotaje. Incendiaron fincas y comisariatos, destruyeron los rieles para impedir el tránsito de los trenes que empezaban a abrirse paso con fuego de ametralladoras, y cortaron los alambres del telégrafo y el teléfono. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014 p. 360)

O episódio ficou conhecido na história como *La noche negra de Aracataca* ou *La masacre de la bananera*, marcado na memória coletiva dos moradores da região da bananeira. Nunca se soube ao certo quantos grevistas encontravam-se na manifestação na noite do dia 6 de dezembro de 1928, quando Cortés Vargas ordenou que os trezentos soldados abrissem fogo contra a multidão. Relatos oriundos da memória coletiva contam que naquela noite aproximadamente três mil trabalhadores protestavam pacificamente ao lado de suas famílias, incluindo crianças, mulheres, jovens e idosos:

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

hospital. Una bala perdida atravesó una casa, matando a un empleado del gobierno. Horas después, 400 huelguistas armados sitiaron las oficinas de la compañía en Sevilla, matando un teniente. Cuando los soldados llegaron con sus ametralladoras fueron dados de baja 29 huelguistas. Otros 3 cayeron en Aracataca. Entre el 7 y el 14 de diciembre fueron enterrados 13 huelguistas más. Se informó -sin confirmación alguna- que entre 5 y 15 trabajadores heridos murieron en sus escondites por falta de asistencia médica. Los daños materiales ascendieron a 1.250.000 dólares, 800.000 de los cuales correspondieron a daños sufridos por la United Fruit, 150.000 a daños en la vía férrea, y los 300.000 restantes fueron sufridos por cultivadores colombianos. (BRUNGARDT, 2011 p. 117).

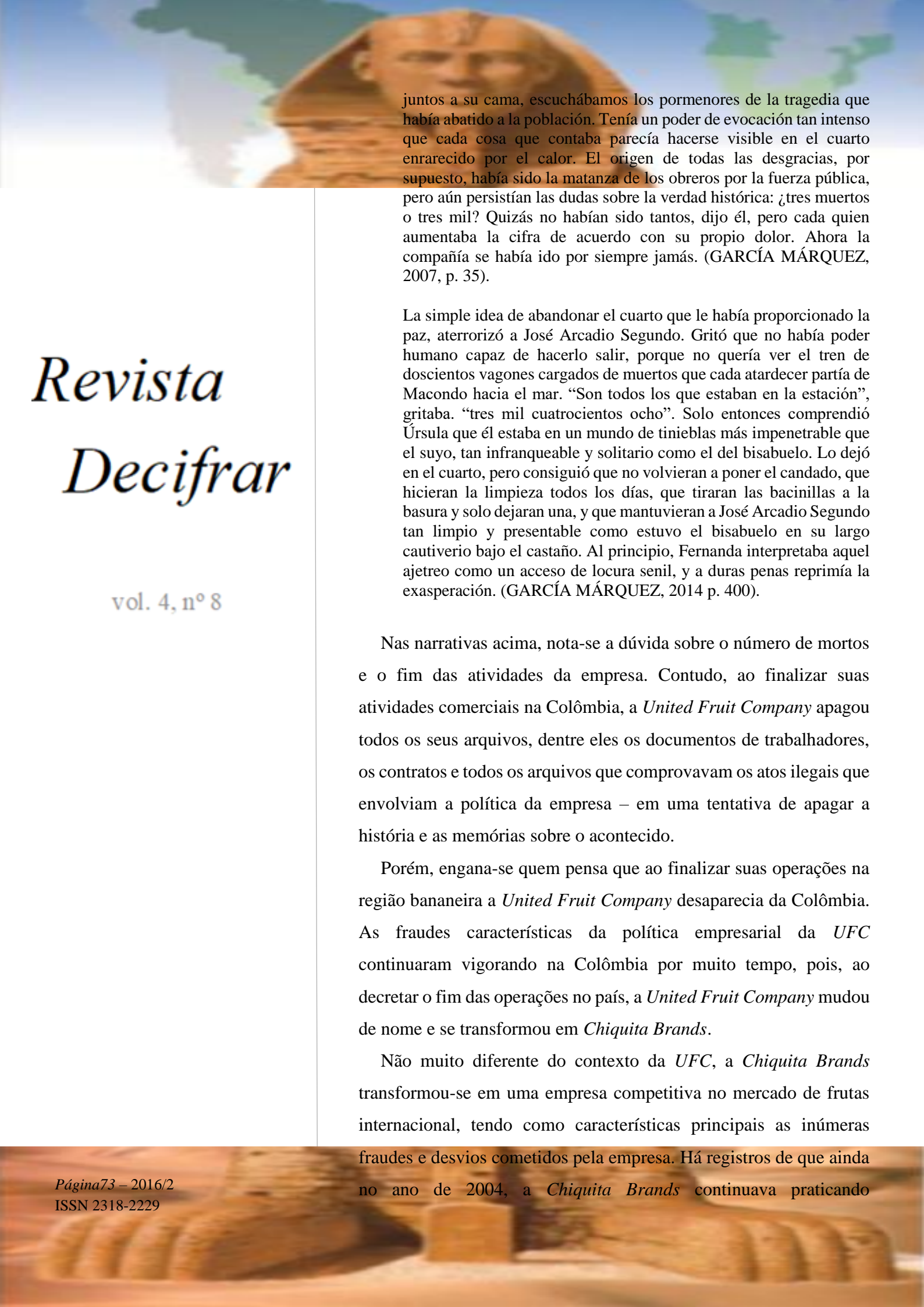
No romance *Cien años de soledad* reconstrói-se o momento em que o exército vai às ruas para atirar nos trabalhadores grevistas:

La posición privilegiada del niño le permitió ver que en ese momento la masa desbocada empezaba a llegar a la esquina y la fila de ametralladoras abrió fuego. Varias voces gritaron al mismo tiempo: – ¡Tírense al suelo! ¡Tírense al suelo! Ya los de las primeras líneas lo habían hecho, barridos por las ráfagas de metralla. Los sobrevivientes, en vez de tirarse al suelo, trataron de volver a la plazoleta, y el pánico dio entonces un coletazo de dragón, y los mandó en una oleada compacta contra la otra oleada compacta que se movía en sentido contrario, despedida por el otro coletazo de dragón de la calle opuesta, donde también las ametralladoras disparaban sin tregua. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014 p. 365).

Considerando o poder da *United Fruit Company* na região bananeira e a relação política da empresa com o governador de Magdalena, os dados sobre o número de mortos foram ocultados. Divulgou-se, então, o número de treze mortos e dezenove feridos.

Números e estimativas deslocados da realidade, pois aponta-se que entre oitocentas e três mil pessoas foram mortas naquela noite. Com a greve e o massacre dos trabalhadores, a *UFC* perdeu espaço e poder no mercado colombiano, entretanto, ainda resta a dúvida se a empresa continua suas atividades na Colômbia, ou não. Até os dias atuais, o episódio faz parte da memória coletiva de inúmeros colombianos e o massacre encontra-se presente nos livros e nas aulas de história.

La massacre de la bananera e a dúvida sobre a estimativa de mortos é narrada em *Vivir para contarla* e *Cien años de soledad*:



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

juntos a su cama, escuchábamos los pormenores de la tragedia que había abatido a la población. Tenía un poder de evocación tan intenso que cada cosa que contaba parecía hacerse visible en el cuarto enrarecido por el calor. El origen de todas las desgracias, por supuesto, había sido la matanza de los obreros por la fuerza pública, pero aún persistían las dudas sobre la verdad histórica: ¿tres muertos o tres mil? Quizás no habían sido tantos, dijo él, pero cada quien aumentaba la cifra de acuerdo con su propio dolor. Ahora la compañía se había ido por siempre jamás. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p. 35).

La simple idea de abandonar el cuarto que le había proporcionado la paz, aterrizó a José Arcadio Segundo. Gritó que no había poder humano capaz de hacerlo salir, porque no quería ver el tren de doscientos vagones cargados de muertos que cada atardecer partía de Macondo hacia el mar. “Son todos los que estaban en la estación”, gritaba. “tres mil cuatrocientos ocho”. Solo entonces comprendió Úrsula que él estaba en un mundo de tinieblas más impenetrable que el suyo, tan infranqueable y solitario como el del bisabuelo. Lo dejó en el cuarto, pero consiguió que no volvieran a poner el candado, que hicieran la limpieza todos los días, que tiraran las bacinillas a la basura y solo dejaran una, y que mantuvieran a José Arcadio Segundo tan limpio y presentable como estuvo el bisabuelo en su largo cautiverio bajo el castaño. Al principio, Fernanda interpretaba aquel ajeteo como un acceso de locura senil, y a duras penas reprimía la exasperación. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014 p. 400).

Nas narrativas acima, nota-se a dúvida sobre o número de mortos e o fim das atividades da empresa. Contudo, ao finalizar suas atividades comerciais na Colômbia, a *United Fruit Company* apagou todos os seus arquivos, dentre eles os documentos de trabalhadores, os contratos e todos os arquivos que comprovavam os atos ilegais que envolviam a política da empresa – em uma tentativa de apagar a história e as memórias sobre o acontecido.

Porém, engana-se quem pensa que ao finalizar suas operações na região bananeira a *United Fruit Company* desaparecia da Colômbia. As fraudes características da política empresarial da *UFC* continuaram vigorando na Colômbia por muito tempo, pois, ao decretar o fim das operações no país, a *United Fruit Company* mudou de nome e se transformou em *Chiquita Brands*.

Não muito diferente do contexto da *UFC*, a *Chiquita Brands* transformou-se em uma empresa competitiva no mercado de frutas internacional, tendo como características principais as inúmeras fraudes e desvios cometidos pela empresa. Há registros de que ainda no ano de 2004, a *Chiquita Brands* continuava praticando

irregularidades, assim como a *United Fruit Company*, segundo informações do jornal *El espectador* (2009):

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

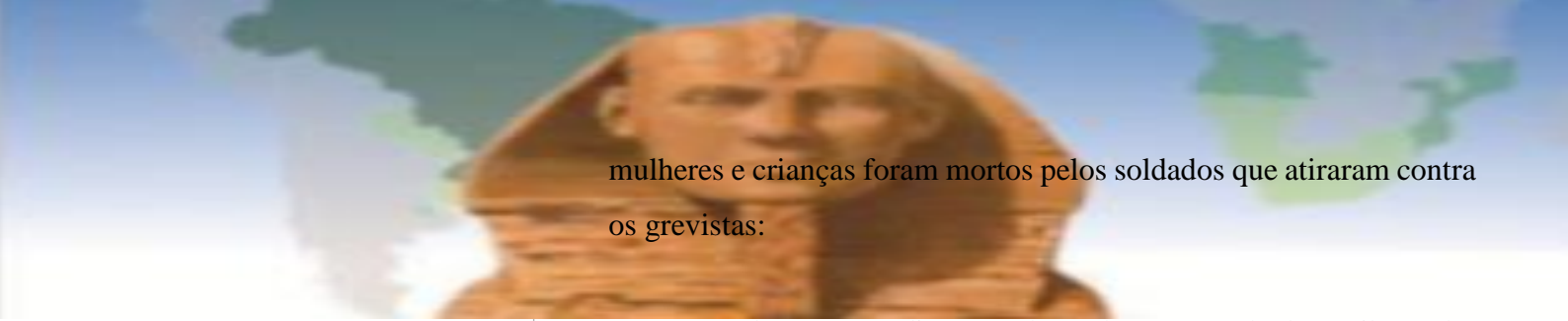
Chiquita Brands nunca se fue del país. Desde de los tiempos de la masacre de las bananeras (1928), con su antiguo nombre United Fruit Company, hasta la barbarie paramilitar que arrasó a sangre y fuego el Urabá, la cuestionada compañía norteamericana, que financió durante años a las autodefensas, sigue teniendo presencia en Colombia. En el año 2004, una vez descubierto su patrocinio a este grupo ilegal, supuestamente cesó sus actividades comerciales, al tiempo que enfrentó un sonado proceso en Estados Unidos donde fue condenada a pagar US\$25 millones por haber financiado a las Auc. No obstante, a través de una sofisticada maniobra financiera detectada por la Fiscalía, las operaciones de Chiquita Brands en Colombia fueron asumidas por dos firmas con curiosas particularidades: Invesmar S.A. y Olinsa. La primera, domiciliada en el paraíso fiscal de Islas Vírgenes Británicas, es dueña de un conglomerado empresarial cuya firma líder en el territorio nacional es Banacol S.A. Esta compañía, según el ente acusador, siguió pagando millonarios recursos entre 2004 y 2007 a las cooperativas de seguridad que eran fachada de las autodefensas. Es decir, continuó auspiciando la estela de violencia de su antecesora (EL ESPECTADOR, 2009)³

La masacre de la bananera faz parte da memória coletiva de inúmeros colombianos, tendo transformado-se em um dos episódios mais importantes na narrativa de García Márquez. Assim, *La masacre* é narrada como um dos pontos centrais da autobiografia e do romance, sendo retomado por García Márquez em diferentes momentos em ambas as obras.

As recordações em *Vivir para contarla* mostram que a mãe do narrador de García Márquez preferia esquecer a noite de mortes na Colômbia, como uma tentativa de preservar-se ante tantas recordações e memórias que recontam um período nefasto da história.

García Márquez narra, em *Cien años de soledad*, o momento em que o personagem José Arcadio Segundo caminha por um trem e encontra os corpos dos mortos enfileirados, todos na mesma temperatura. Em Macondo, a cidade imaginária, trabalhadores,

³ Artigo “Chiquita sigue en Colombia” disponível no periódico online *El espectador* de 05 de setembro de 2009. Para mais informações, consultar as referências finais ou acessar: <http://www.elespectador.com/impreso/judicial/articuloimpreso159808-chiquita-sigue-colombia>.



mulheres e crianças foram mortos pelos soldados que atiraram contra os grevistas:

Revista Decifrar

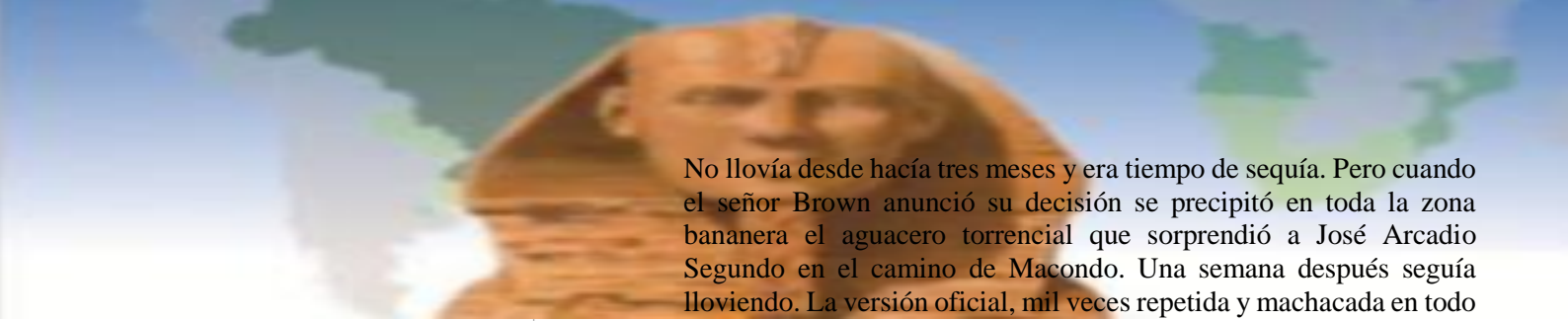
vol. 4, nº 8

Cuando José Arcadio Segundo se despertó estaba bocarriba en las tinieblas. Se dio cuenta de que iba en un tren interminable y silencioso, y de que tenía el cabello apelmazado por la sangre seca y le dolían todos los huesos. Sintió un sueño insoportable. Dispuesto a dormir muchas horas, salvo del terror y el horror, se acomodó del lado que menos de dolía, y solo entonces descubrió que estaba acostado sobre los muertos. No había un espacio libre en el vagón, salvo el corredor central. Debían de haber pasado varias horas después de la masacre, porque los cadáveres tenían la misma temperatura de yeso en otoño, y su misma consistencia de espuma petrificada, y quienes los habían puesto en el vagón tuvieron tiempo de arrumarlos en el orden y el sentido en que se transportaban los racimos de banano. Tratando de fugarse de la pesadilla, José Arcadio Segundo se arrastró de un vagón a otro, en la dirección que avanzaba el tren, y en los relámpagos que estallaban por entre los listones de madera al pasar por los pueblos dormidos veía los muertos hombres, los muertos mujeres, los muertos niños, que iban a ser arrojados al mar como el banano de rechazo. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014 p. 366).

Ainda em *Cien años de soledad*, a narrativa é construída quando José Arcadio Segundo caminha pela cidade de Macondo e encontra as ruas desertas, pois embora quase 3000 pessoas tenham sido mortas, o exército insiste que nada havia acontecido, que tudo estava normal.

José Arcadio Segundo no habló mientras no terminó de tomar el café.
– Debían ser como tres mil – murmuró.
– ¿Qué?
– Los muertos –aclaró el–. Debían ser todos los que estaban en la estación. La mujer lo midió con una mirada de lástima. “Aquí no ha habido muertos”, dijo. “Desde los tiempos de tu tío, el coronel, no ha pasado nada en Macondo”. En tres cocinas donde se detuvo José Arcadio Segundo antes de llegar a la casa le dijeron lo mismo: “No hubo muertos”. Pasó por la plazuela de la estación, y vio las esas de fritangas amontonadas una encima de otra, y tampoco allí encontró rastro alguno de la masacre. Las calles estaban desiertas bajo la lluvia tenaz y las casas cerradas, sin vestigios de vida interior. La única noticia humana era el primer toque para misa. Llamó en la puerta de la casa del coronel Gavilán. Una mujer encinta, a quien había visto muchas veces, le cerró la puerta en la cara. “Se fue”, dijo asustada. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014 p. 368)

A construção narrativa na cidade fictícia de Macondo, mostra uma tentativa clara do exército de transformar a realidade vivenciada pelos moradores em esquecimento.



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

No llovía desde hacía tres meses y era tiempo de sequía. Pero cuando el señor Brown anunció su decisión se precipitó en toda la zona bananera el aguacero torrencial que sorprendió a José Arcadio Segundo en el camino de Macondo. Una semana después seguía lloviendo. La versión oficial, mil veces repetida y machacada en todo el país por cuanto medio de divulgación encontró el gobierno a su alcance, terminó por imponerse: no hubo muertos, los trabajadores satisfechos habían vuelto con sus familias, y la compañía bananera suspendía actividades mientras pasaba la lluvia. La ley marcial continuaba, en previsión de que fuera necesario aplicar medidas de emergencia para la calamidad pública del aguacero interminable, pero la tropa estaba acuartelada. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014 p. 370).

Ainda na cidade fictícia de Macondo, segue o intento de os soldados criarem no imaginário coletivo uma falsa recordação de que nada aconteceu e de que não houve mortes na cidade. A todo custo os soldados tentam fixar a ideia de que tudo não passou de um sonho:

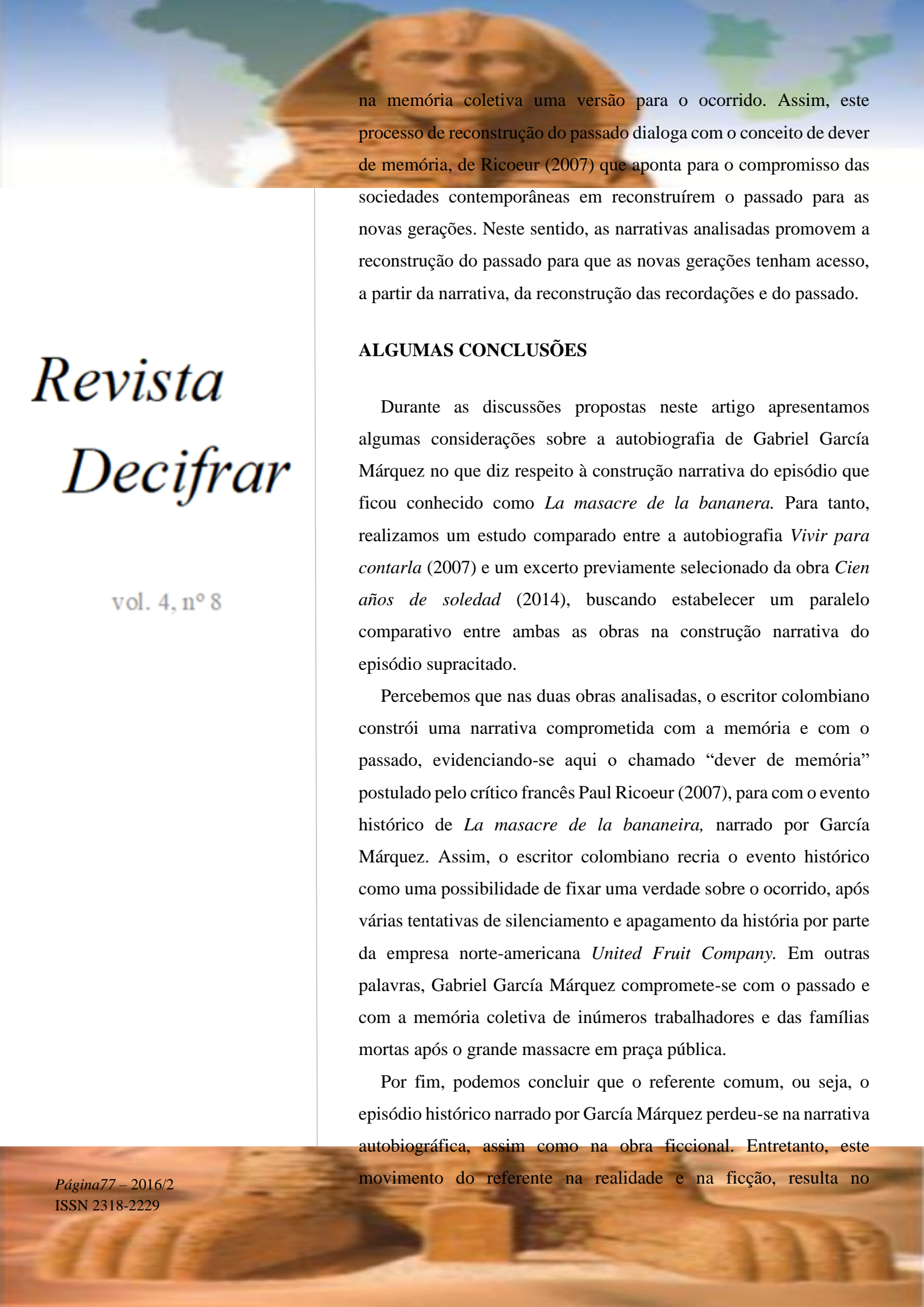
Era todavía la búsqueda y el exterminio de los malhechores, asesinos, incendiarios, revoltosos del Decreto Número Cuatro, pero los militares lo negaban a los propios parientes de sus víctimas, que desbordaban la oficina de los comandantes en busca de noticias. “Seguro que fue un sueño”, insistían los oficiales. “En Macondo no ha pasado nada, ni está pasando, ni pasará nunca. Este es un pueblo feliz”. Así consumaron el exterminio de los jefes sindicales. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014 p. 370).

Com o suposto encerramento das atividades da *United Fruit Company* na Colômbia, após o genocídio que apagou da história um número flutuante de quase 3 mil trabalhadores, percebe-se que a região da bananeira transformou-se em um lugar repleto de recordações. Recuperamos na autobiografia a conclusão de que a região bananeira havia sido devastada pela *UFC*:

– Los gringos no vuelven nunca – concluyó.

Lo único cierto era que se llevaron todo: el dinero, las brisas de diciembre, el cuchillo de pan, el trueno de las tres de la tarde, el aroma de los jazmines, el amor. Sólo quedaron los almendros polvorientos, las calles reverberantes, las casas de madera y techo de cinc oxidados con sus gentes taciturnas, devastadas por los recuerdos. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p. 36).

Existe, portanto, nas narrativas de Gabriel García Márquez, uma reconstrução do episódio conhecido como *La masacre de la bananera*, como tentativa do escritor de reconstruir a verdade e fixar



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

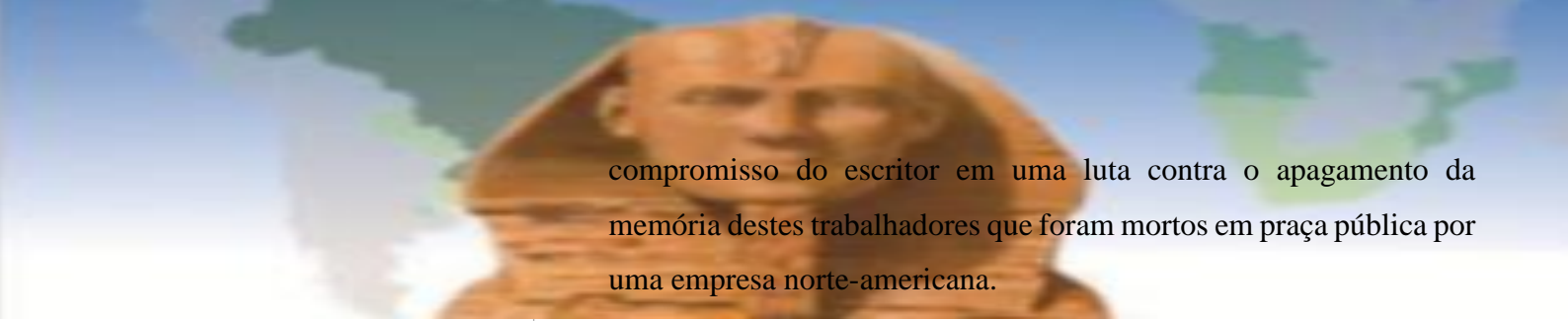
na memória coletiva uma versão para o ocorrido. Assim, este processo de reconstrução do passado dialoga com o conceito de dever de memória, de Ricoeur (2007) que aponta para o compromisso das sociedades contemporâneas em reconstruírem o passado para as novas gerações. Neste sentido, as narrativas analisadas promovem a reconstrução do passado para que as novas gerações tenham acesso, a partir da narrativa, da reconstrução das recordações e do passado.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Durante as discussões propostas neste artigo apresentamos algumas considerações sobre a autobiografia de Gabriel García Márquez no que diz respeito à construção narrativa do episódio que ficou conhecido como *La masacre de la bananera*. Para tanto, realizamos um estudo comparado entre a autobiografia *Vivir para contarla* (2007) e um excerto previamente selecionado da obra *Cien años de soledad* (2014), buscando estabelecer um paralelo comparativo entre ambas as obras na construção narrativa do episódio supracitado.

Percebemos que nas duas obras analisadas, o escritor colombiano constrói uma narrativa comprometida com a memória e com o passado, evidenciando-se aqui o chamado “dever de memória” postulado pelo crítico francês Paul Ricoeur (2007), para com o evento histórico de *La masacre de la bananeira*, narrado por García Márquez. Assim, o escritor colombiano recria o evento histórico como uma possibilidade de fixar uma verdade sobre o ocorrido, após várias tentativas de silenciamento e apagamento da história por parte da empresa norte-americana *United Fruit Company*. Em outras palavras, Gabriel García Márquez compromete-se com o passado e com a memória coletiva de inúmeros trabalhadores e das famílias mortas após o grande massacre em praça pública.

Por fim, podemos concluir que o referente comum, ou seja, o episódio histórico narrado por García Márquez perdeu-se na narrativa autobiográfica, assim como na obra ficcional. Entretanto, este movimento do referente na realidade e na ficção, resulta no



compromisso do escritor em uma luta contra o apagamento da memória destes trabalhadores que foram mortos em praça pública por uma empresa norte-americana.

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

REFERÊNCIAS

BRUNGARDT, Maurice P. **La United Fruit en Colombia**. Revista Innovar: Universidad Nacional de Colombia, 2011. Disponível em: <http://www.bdigital.unal.edu.co/22475/> Acesso em: 10 de dezembro de 2015.

CARO, Jorge Enrique Elías. **La masacre obrera en 1928 en la zona bananera del Magdalena – Colombia: una historia inconclusa**. Portal Scielo, 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S166880902011000100004&script=sci_arttext. Acesso em: 20 de dezembro de 2015.

COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes da. **Lembrar para não esquecer: memória, história e ficção em aula de língua espanhola**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Vivir para contarla**. Buenos Aires: Debolsillo, 2007.

_____. **Cien años de soledad**. Barcelona: Debolsillo, 2014.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

HOYOS, Héctor. **Aproximación de la materia prima y el deseo en la cultura colombiana**. Conferencia Anual Cuaderno de Literatura, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6IfcIoeqBBg> Acesso: 28 de dezembro de 2016.

ISAAC, Jorge. *María*. Bogotá: Norma, 1990.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RIVERA, José Eustasio. **La vorágine**. Neiva: Cromos, 1924.

VALLEJO, Fernando. **La virgen de los sicários**. Santafé de Bogotá: Alfaguara, 1994.